



RELATO DE UMA ARTE NO CAMPO: LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS EM ARTE E AGROECOLOGIA EM ALEGRETE/RS - PROCESSOS ARTÍSTICOS COLETIVOS QUE DESLOCAM E TRANSBORDAM SABERES.

Janice Martins Sitya Appel. UFRGS

RESUMO: Este artigo descreve a experiência de uma prática artística coletiva desenvolvida junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFRS) em Alegrete. O convite, na ocasião, foi feito pela direção do IFFRS ao tomar conhecimento da pesquisa acadêmica e prática-artística em transversalidade com temas como sustentabilidade e permacultura, apontados inicialmente em minha dissertação de mestrado na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos (PPGAV/CEART/UDESC e, atualmente desenvolvidos no doutorado na linha de Poéticas Visuais (PPGAVI/Instituto de Artes/UFRGS). A experiência descrita foi um exemplo onde a prática artística estendeu-se para além das fronteiras geográficas e do conhecimento, ampliando o campo de pesquisa e promovendo novos diálogos entre arte e meio ambiente em diferentes comunidades acadêmicas.

Palavras-Chave: Práticas Artísticas Coletivas; Processos Artísticos Contemporâneos, Comunidade, Colaboração, Arte e Meio Ambiente.

SOMMAIRE: Cet article décrit l'expérience d'une pratique artistique collective développée auprès de l'institut Fédéral d'Éducation, Science et Technologie Farroupilha (IFFRS) à Alegrete. Le projet a été développé suite à une invitation cet Institut qui a pris connaissance de la recherche académique et pratique artistique en transversalité ayant comme sujet la sustentabilité et la permaculture. Tout d'abord, ces thèmes ci-dessous sont apparus dans mon mémoire de master dans le domaine des processus Artistiques Contemporains (PPGAV/CEART/UDESC). Actuellement, ils sont développés dans mon doctorat en Poétiques Visuelles (PPGAVI/Institut d'Artes/UFRGS). Cette expérience a montré que la pratique artistique s'étend au-delà des frontières géographiques et de la connaissance. Par conséquent, elle a amplifié le domaine de la recherche en promouvant de nouveaux dialogues entre l'art et l'environnement dans de différentes communautés académiques.

Mots-clés: pratique artistique collective, processus artistiques contemporains, la communauté, collaboration, l'art et l'environnement.

Entre Biomas – deslocando saberes

“Não me perguntes onde fica o Alegrete, segue o rumo do teu próprio coração” (...) assim começa a canção considerada um hino popular rio-grandense da cultura gaúcha. A afirmativa contida no verso deve-se ao fato de que é grande a distância a ser percorrida para chegar ao município de Alegrete, situado próximo a

Uruguaiana/RS, na região conhecida como Bioma do Pampa, quase na fronteira oeste do Brasil com a Argentina. Para desenvolver este percurso é necessário promover um deslocamento de 447km entre Florianópolis/SC até Porto Alegre/RS, e desta até Alegrete/RS em mais 508km, perfazendo um total de 953 km, do litoral do Estado de Santa Catarina até meados da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. A descrição da distância dá sentido e ênfase ao tamanho do deslocamento percorrido, pois em quase mil quilômetros são notadas evidentes mudanças geográficas, culturais e ambientais entre o ponto de partida e o lugar de chegada quando se percorre por estes dois Estados brasileiros. Durante o percurso deslizam sob os olhos as mudanças que alteram a paisagem, comprovando a biodiversidade da mata nativa, assim como as persistentes interferências do homem, capazes de provocar visíveis modificações no meio ambiente. O deslocamento constituiu-se de imagens que desdobraram esta paisagem, transformando-a, das dunas do litoral catarinense, passando por araucárias que dividem os dois estados na serra, aos campos e planícies que configuram o bioma campeiro. Mais de doze horas passam quando se realiza este percurso, as quais também fazem aumentar as expectativas quanto ao fato de estar indo ao encontro de um grupo de alunos de agroecologia para promover, junto a eles, uma experiência entre as, até então, distintas comunidades e saberes das áreas da arte e da ecologia.

A ênfase do encontro centraliza-se no desenvolvimento de uma prática e experiência artística coletiva, a ser realizada junto a esta comunidade acadêmica, na proposição da construção de uma horta comunitária, tendo em vista a discussão de uma *estética ambiental*¹. Tal proposição surgiu a partir do convite feito pela direção do IFFRS², ao tomar ciência do trabalho prático-artístico em arte e sustentabilidade como processo colaborativo em comunidades, tomados a partir do objeto de pesquisa desenvolvido na dissertação de mestrado na linha de Pesquisa em Processos Artísticos Criativos, intitulado Hortas Comunitárias na Barra da Lagoa – Agenciamentos Colaborativos em Arte Pública de Novo Gênero³. O curso intitulou-se Hortas Coletivas e Permacultura - uma proposta em Arte, Sustentabilidade, Ciência e Tecnologia. A ocasião do encontro fez parte da V Semana de Ciência e Tecnologia do Campus, realizada entre os dias 26 a 28 de setembro de 2011 no Campus Alegrete no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha/RS

localizado à RS-377, Km 27 em Passo Novo/RS. Mais do que um longo deslocamento⁴, a experiência maior tornou-se justamente o atravessamento de diferentes culturas e de campos do saber e conhecimento. Neste sentido, estar ali é parte de um movimento migratório das percepções que alimentam diferentes campos de pesquisa, da a arte à agroecologia, diluídas pelo convívio entre diferentes culturas e que, naquele momento, apontavam para as novas experiências sob os campos sulinos junto a esta comunidade acadêmica. A promoção de uma biodiversidade estaria assim, para além da paisagem mensurada (figura 1), e cada vez mais próxima aos movimentos transdisciplinares que fazem interagir diferentes culturas e práticas artísticas.

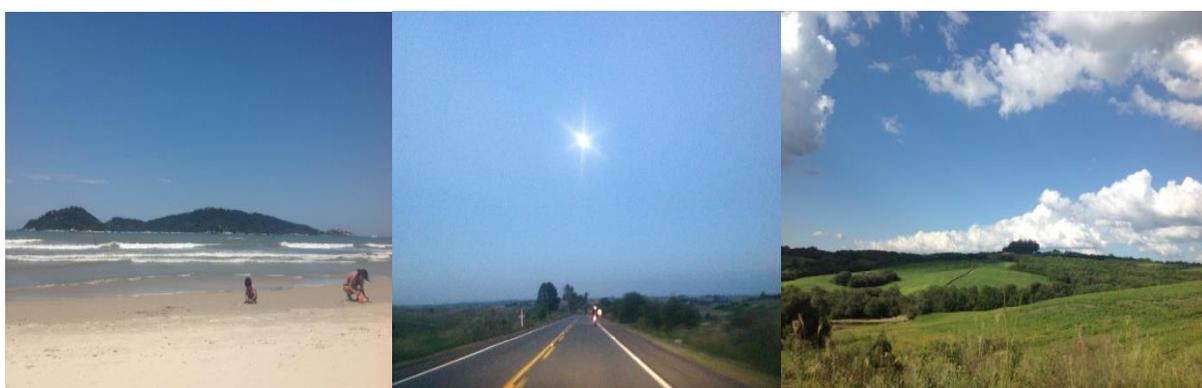


Figura 1: Florianópolis, SC / BR 290 / Alegrete, RS.

Certos estudos em arte apontam para práticas coletivas desenvolvidas por artistas junto a certas comunidades e que dão sentido às questões de interesse coletivo. À exemplo disto, a construção de uma horta comunitária em uma comunidade pode atuar como uma forma de dispositivo relacional para uma proposta coletiva em arte e ecologia, como parte de um processo que faz gerar colaboração e trocas sociais com a comunidade (APPEL, 2010). A pesquisa em arte que tem como base o convívio em na comunidade, exerce o sentido de que um processo artístico coletivo pode ter suas transversalidades com outras práticas, assim como as de cunho agroecológicas praticadas por um grupo específico de moradores de uma região. Além de gerar colaboração por ser realizada em um

ambiente de convívio cotidiano, uma proposta como o cultivo de hortas pode tornar-se uma prática sustentável viável para certas comunidades⁵.

Laboratório de experiências

Chegando a Alegrete o Campus continha instalações que consistiam de salas de aula bem equipadas em meio ao ambiente rural. O grupo contava com a presença de aproximadamente dez jovens alunos, todos provindos de maduras experiências da lida campeira desde os seus primeiros anos de vida. Durante uma manhã foi realizada a primeira parte do encontro, onde aconteceram trocas quanto aos diferentes campos teóricos. Foram apresentados e discutidos exemplos de coletivos artísticos e de soluções eco ambientais para determinados contextos e tipos de moradias, cultivos e técnicas específicas para um convívio em equilíbrio com a natureza. Os exemplos encontrados em arte são distintos e descrevem diferentes formas de inserção e colaboração. Algumas práticas de artistas atuam em transversalidade com a natureza, atuando em contrapartida e colaboração efetiva junto a certas comunidades, como no caso das hortas e espaços bioconstruídos realizados na Fundação The Land⁶ (Tailândia), onde os artistas promovem ações junto a movimentos e manifestos para uma revitalização do local e assentamento de famílias em zonas de cultivos de arroz. Outro tipo de exemplo pode ser descrito em ações que operam em colaboração para uma crítica social quanto ao uso e percepções do espaço urbano e rural em uma determinada comunidade, como no caso das hortas iniciadas pela artista Lara Almarcegui. Após refletir sobre sua postura como artista, Lara Almarcegui⁷ decidiu fazer parte da comunidade dos *Volkstuin* (figura 2). Este projeto foi desenvolvido em tempo real, num lugar específico, onde a artista ficou por três anos trabalhando num quintal de uma associação de hortas de *Rotterdam* (Holanda) para a implantação de um jardim. As suas intervenções deslocam a paisagem, pois o cultivo da horta é também responsável por modificar espaços.



Figura 2 – a artista Lara Almarcegui em ação de cultivo na comunidade *Volkstuin, Rotterdam* (Holanda).

O passar das horas fez crescer o encantamento dos alunos pelas experiências relatadas e apresentadas, assim como pelas distintas histórias de vida e questionamentos que alternadamente nos faziam recorrer às experiências cotidianas, assim como às acadêmicas. Da janela da sala de aula do Campus havia ovelhas, carneiros, novilhos, plantios e cultivos. Um forte barulho de água e muitos jovens estudantes de bombacha e chimarrão na mão. Por certo momento era possível contrastar esta imagem com a dos alunos da Ilha de Florianópolis que naquele momento deveriam estar de prancha ou linha de pescar na mão, sem camisa e prontos para entrar no mar. Mas, se por um lado, tão distintas características geográficas e culturais marcavam ali suas diferenças, de outra maneira, estes alunos estariam conectados e alimentados por um modo de vida que os faz atuar direto à natureza, ao (meio) ambiente e às práticas coletivas, já que, através da construção de hortas comunitárias estariam agenciando propostas para coletivos, mesmo que em diferentes regiões brasileiras.

A segunda parte do encontro foi marcada pela proposição de uma ação prática que consistia na construção de um espaço bioconstruído, onde o espaço de atuação não seria mais o da equipada sala de aula e sim do próprio ambiente campeiro. Ao partir para uma saída de campo, as dimensões e a escala do trabalho tornam-se maiores do que nossos olhos possam alcançar. Havia em meio ao campo uma grande horta circular em forma de mandala - trabalho em agroecologia

realizado pelos alunos do IFFRS (figura 3), portanto, a experiência de estarmos ali não seria a de instaurar uma nova horta, mas sim a de um aprofundamento sobre os questionamentos quanto às práticas coletivas e a ampliação do campo de diálogo e de conhecimentos frente ao ambiente construído em coletividade. Os alunos apontavam pelo interesse em discorrer sobre um campo de pesquisa em arte que fosse sensível e aberta para uma estética ambiental, capaz de absorver tanto os saberes tradicionais e convencionais do campo exercidas em coletividade, como as propostas criativas e contemporâneas do campo da arte acerca de trabalhos feitos em específicas comunidades. Depois de algumas horas juntos não pareciam mais haver barreiras ou distanciamentos entre nossos saberes e conhecimentos específicos. Arte e agroecologia transversalizando-se em forma de convívio, de um estar junto para além das práticas relacionais, apontando para um laboratório de experiências e uma necessidade de agir a partir das práticas alcançadas. Portanto, é no fluxo de intenções e histórico de experiências anteriormente propostas por artistas em colaboração com diferentes meio ambientes, que foi praticada a horta coletiva junto aos alunos de agroecologia em Alegrete, sob o ponto de vista de uma estética ambiental, baseada na prática de uma permacultura⁸ como melhor plataforma de trabalho em colaboração a ser desenvolvido no local. No decorrer do encontro com os alunos de agroecologia, o papel do artista, do educador e do cidadão do mundo vai sendo alternando, deslocando-se em meio ao processo e atravessando, tanto a pesquisa em arte, como em agroecologia e ao saber cotidiano.



Figura 3: alunos do IFFRS Campus Alegrete na Horta Comunitária

O contato com o grupo de alunos possibilitou o início de uma proposta que não ficou encerrada ali, pois surgiram demandas de novos espaços bio construídos e de uma estética ambiental a ser cultivada e exercida tanto em micro, como numa macro escala. Naquela tarde caminhamos por uma grande área de campo, onde também realizamos cultivos junto à horta previamente constituída. A partir de uma pequena quantia de taquaras/bambus iniciamos um modelo de construção que atendesse à demanda daquela comunidade acadêmica. Ao mesmo passo que o grupo experimentava ações no espaço, surgiam imagens de novos objetos, assim como a produção de imagens feitas através de registros fotográficos e de relatos audiovisuais. A efemeridade da ação pode, ainda assim, gerar imagens e registros que lhe permitem nova permanência, tanto em formatos de arquivo como de memória. A experiência que tivemos foi um exemplo onde a prática artística estendeu-se para além das fronteiras do conhecimento, promovendo diálogos estéticos entre arte, ambiente em diferentes comunidades acadêmicas, fazendo-nos refletir sobre o criar coletivo e o possível poder transformador destas ações em diferentes espaços.

Sob os transbordamentos do campo artístico e as formas de pensar o espaço em colaboração.

O que faz um artista e pesquisador de arte no interior do bioma do pampa gaúcho em meio a uma horta comunitária e junto aos alunos de um curso de agroecologia? Esta foi a pergunta a qual tentei responder quando me vi em meio a um lugar tão improvável e imediato para o campo artístico que seria o de estar em uma fazenda ou canteiro manejando plantas e praticando cultivos. Não deveria o artista estar em museu, galeria ou instituição cultural? Este questionamento pode ser respondido ao percebermos que a arte pode deslizar entre os diferentes campos do saber e do conhecimento, tornando-se possível em transversalidade junto a estas diferentes áreas, trazendo à tona novas formas de pensar. Os constantes processos de ruptura destituíram da arte a necessidade de um suporte tradicional, abrindo espaço para uma desmaterialização do objeto artístico não mais centrado no conceito de obra em si, mas sim em seu processo instaurador, capaz de produzir diferenças, novos questionamentos e assim, ampliar as possibilidades deste fazer

para novas direções de acontecimento e efemeridade. Este conceito provém de diferentes narrativas e práticas, a partir de autores que discorrem entorno de justificativas para diferentes formas de ações no espaço que, na evolução de seus contextos, convergem para comunidades e sua realidade. A arte volta-se, então, ao interesse público, ou novo gênero de arte pública, através de práticas artísticas, baseadas em táticas que envolvem colaborações entre diferentes linguagens e grupos sociais. Esta noção caracteriza-se por enfatizar questões sociais e ativismo político, assim como engajar-se em colaboração com a comunidade. Nesta noção, o local onde é realizado o trabalho em arte passa a ser compreendido como um espaço social, político e físico.

Certos estudos apontam para Lucy Lippard (2001), onde o conceito de lugar – assim como o da horta - estaria relacionado diretamente com a necessidade de vincular as atitudes às problemáticas sociais, na urgência em aumentar a vinculação da arte com a política e os assuntos sociais. Sendo assim, estaríamos falando de práticas em que o conceito de espacialidade se expande do formal ao crítico-político no lugar ou comunidade na qual atua. O questionamento quanto ao lugar que ocupamos frente aos fatos sociais, implicaria em engajamento em algum sentido, provocando uma prática artística mais contundente. Como no caso da horta dos alunos de Alegrete e suas manifestações de desejos quanto a um aprofundamento em práticas que transversalizam os campos de pesquisa em arte e agroecologia, a presença do artista torna-se fundamental para que este processo tenha dado início. Na intenção em tomar uma posição a respeito da esfera pública, o artista passa assim a atuar em colaboração com propostas comunitárias, bem como com as pessoas com as quais convive, alimentando este convívio no funcionamento de sistemas colaborativos e de instituições sociais no qual também esteja inserido. Contudo, não deve bastar para um artista o fato de agenciar propostas relacionais em arte, como o encontro pelo encontro, mas sim o de desencadear um processo artístico em compromisso social e político (KESTER, 2004) com as razões de um *lugar praticado*⁹. Desta maneira, a horta torna-se um espaço crítico de atuação, em um lugar praticado, dando forma e sendo a própria expressão e interesse da comunidade, praticado através da utopia, como na busca por um espaço de vida mais saudável baseado na agricultura familiar e no cultivo de orgânicos. Neste

contexto, o artista passa a exercer o papel ativista frente às questões que envolvam as micropolíticas do local, fazendo desmaterializar não somente a figura do objeto artístico como efeito de obra de arte, mas também a figura do próprio artista ao tornar-se, então, um agente mediador entre um processo de autoria coletiva.

É também referência para os estudos da ampliação do campo e atuação da arte em comunidades, os estudos apontados por Reinaldo Laddaga no final dos anos 1990 ao colocar que diferentes coletivos artísticos atuam como ativistas através de interações estéticas e sociopolíticas. Conforme o autor, tais práticas culturais exigiram uma *estética da emergência*, as quais vieram a dar visibilidade aos agentes, até então, não incluídos na autoria do processo, não mais centrado na figura do artista, tornando a comunidade seu principal agente operacional, conectando, então, a arte com um público mais amplo. Nas palavras do autor, a partir da década de 1990 o entendimento do contexto da arte apontou para um campo em constante expansão, com zona de limites não claros e ampliados - atravessamento ou ausência de limites – que fizeram da arte um campo em trânsito junto aos diferentes campos de atuação da vida cotidiana. Este cotidiano é marcado por um cenário atual político, econômico e artístico, onde se mostra imprescindível o entendimento da transversalidade da arte. Esta transversalidade acontece na investigação e criação de diferentes possibilidades e entendimentos entre diferentes linguagens, assim como no cruzamento de artistas em suas diferentes linguagens, culturas e tradições. Ou seja, uma transversalidade em arte é uma abertura que permite estabelecer relações entre diferentes saberes, o que pode significar na possibilidade de um permanente resgate de expressões e de intersubjetividades ainda não descritas. Projetos que supõe uma mobilização de estratégias complexas implicam na implantação de formas de colaboração que permitam a associação entre artistas e comunidades. Com a inclusão da colaboração de diversos profissionais em projetos artísticos junto às comunidades, transversaliza-se o mundo da arte em integração social, surgindo assim, novos métodos para trabalhos e projetos comunitários. Em meio a tantos caminhos possíveis em arte contemporânea, a transversalidade com temas como sustentabilidade e ecossistemas também encontra reverberações nas noções de ecosofia apontadas por Felix Guattari (1997) ¹⁰, onde se torna então possível articular práticas artísticas ao contexto ecossistêmico, já que a intervenção do

homem como um todo é exercida como forma de colaboração, tornando-se parte fundamental de uma relação também capaz de controlar os efeitos causados pela própria espécie humana.

Encaminhando novas propostas – da horta comunitária ao jardim de entropias.

Atualmente a pesquisa em arte vem se desenvolvendo em nível de doutorado, com projeto de tese intitulado Jardim: Laboratório de Experiências a Céu Aberto¹¹ e que faz referência às práticas de convívio diário em um jardim e das experiências possíveis em arte em meio à natureza. A proposição do tema é estabelecida a partir da ampliação da prática do cultivo de hortas para o espaço do jardim. Apresentado como um laboratório de pesquisa em arte, o jardim é forma que pretende dar sentido ao desenvolvimento de um processo de possibilidades de pesquisa no campo da arte contemporânea e sua articulação com as ações cotidianas e colaborativas de limites permeáveis entre os hábitos de vida comum entre este jardim e o campo artístico em transversalidade com outras áreas como ecologia, ecosofia, sustentabilidade e micropolíticas comunitárias de resistência estendidas ao campo da arte. Nesta proposta, o processo de trabalho em um jardim está sendo realizado através de diferentes processos de cultivo. Uma das maneiras é o exercício do cultivo a partir do plantio de alimentos orgânicos, ervas medicinais e de plantas comestíveis não convencionais¹², percebidos a partir das diferentes etapas sazonais e suas respectivas possibilidades de colaborações junto aos próprios elementos da natureza. A outra forma é contribuição para o cultivo e manutenção da flora nativa que aleatoriamente cresce sem nenhum tipo de intervenção, facilitando o reaparecimento de uma paisagem nativa, pois "o que distingue o jardim do que chamamos de paisagem ou natureza, é a intervenção do jardineiro" (COUQUELIN, 2005). O projeto aceita colaborações específicas de outros artistas, certos tipos de público e de diferentes agentes para cada uma das ações. Conceber o mundo como um jardim também faz parte das concepções apontadas pelo francês Gilles Clement¹³, sobre o conceito de "jardim planetário", no qual um jardineiro percorre distintas personalidades de atuação que constantemente o deslocam entre ser artista, cientista, sedentário e nômade. Tendo no jardim o espaço para diferentes cultivos (não somente aos que se referem aos vegetais e seus ecossistemas, mas também aos cultivos do afeto e da memória, pois deles

provém a instauração de sucessivos novos espaços), a pesquisa atual aponta para as questões de deslocamento e desmaterialização do objeto artístico, público e artista de maneira a aprofundar o processo iniciado durante a pesquisa de mestrado, já que na atual etapa, estes conceitos são considerados movimentos de entropia em relação à natureza. Proveniente do campo da física, o termo entropia provém da segunda lei da termodinâmica ao apontar a irreversibilidade existente nos sistemas isolados, destacando a importância de preservá-los abertos. Um esvaziamento da energia de um sistema aberto pode propiciar a entrada de energia em outro sistema, e assim, sucessivamente. Em um dos trabalhos da artista Lara Almarcegui, intitulado *O Guia de Al Khan* (2007), a mesma aponta para um lugar abandonado, quase vazio, sendo assim, um lugar que está aberto a todo o tipo de possibilidades onde as pessoas podem então, se sentirem livres. As plantas e árvores que sobraram dos jardins do passado tem que crescer ao lado de vegetação selvagem, lado a lado com as ruínas e lixo, gerando processos naturais extraordinários de mistura e entropia. Neste sentido, a entropia pode ser vista no campo da produção artística tanto por sua ruptura com padrões ultrapassados, desvencilhando-se de estruturas solidificadas, como pela composição de novas ordens. Toda arte teria assim, certo grau de entropia, pois ao buscar novas formas, o artista propõe uma nova realidade, ou outra dimensão para a relação espaço-tempo. Sua proposta passa a ser a vivência deste novo tempo, um elemento dinâmico e que contém a vida. Neste alargamento de sentido, a experiência do convívio em um jardim em termos entrópicos, traz à tona o sentido de efemeridade que a arte possa ter, já que, tal como nos próprios cultivos, uma nova arte se refaz a cada novo ciclo, onde o cotidiano também é capaz de nos reinventar, ou em outras palavras, nos reciclar.

Em recente contato informal com a Secretaria de Agricultura do Município de Alegrete foi estabelecido, através do secretário da agricultura¹⁴ o convite para pensar junto a esta, uma forma de construção coletiva de um jardim que sirva de plataforma para um trabalho colaborativo capaz de promover ações da comunidade nos campos da arte e da agricultura familiar. Esta nova relação de contato e colaboração inicialmente apontada é mantida, pois ao inserir-se em espaços institucionais, o artista deve promover práticas relacionais que gerem processos autônomos e de colaboração, buscando reorientar sua prática artística, não mais para a técnica ou para a produção de objetos, mas para um processo de transbordantes e novas

trocas intersubjetivas. Os novos jardins propostos reinventam o cotidiano, fazendo surgir novos espaços de colaboração, renovando assim nossas práticas em constantes transversalidades, seguidos de movimentos de entropia.

NOTAS

¹ Estética Ambiental e Espaços Bioconstruídos foi o título de uma oficina ministrada durante o encontro intitulado Festival Submidialogia 2010 na Ilha do Valadares, acerca do município de Paranaguá, litoral do Paraná, promovido pela ONG Descentro e que ganhou o Prêmio Funarte projeto aprovado no edital Petrobras Cultural de 2009 vinculado à Lei de Incentivo à Cultura, MINC. Na ocasião, eu havia sido convidada pela artista e mestre em artes Visuais, Claudia Washington, para ministrar a oficina e compor o quadro de artistas propositores de ações para a comunidade dos moradores da Ilha do Valadares. O festival Submidialogia acontecia desde 2005, e contava com quatro edições antes desta de 2010 (Campinas-SP 2005, Olinda-PE 2006, Lençóis-BA 2007, Belém-PA, 2009) realizadas em diferentes partes do Brasil. Desenvolvido colaborativamente por meio da lista de discussão Submidialogia, pode ser compreendido como um festival multidisciplinar que remixa conhecimentos de arte, mídia e tecnologia, cultura livre. A programação é fruto de reflexões plurais sobre os rumos da contemporaneidade e estratégias de inserção e atuação das redes no cenário vigente. Funciona como laboratório itinerante para a prática radical de construção de ambientes colaborativos. Durante a oficina houve o debate quanto a soluções em estética ambiental para questões de moradia e foi construído um objeto bioconstruído a partir de bambu para coleta da água da chuva. Disponível em: <http://hortaeartecoletiva.blogspot.com.br/2011/06/meio-ambiente-e-tecnologia.html> - 12/05/2013.

² O Instituto Federal Farroupilha – IFF RS é uma Instituição de Educação Superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com sua prática pedagógica. Disponível em <http://www.iffarroupilha.edu.br/>, em 31/05/2013.

³ Dissertação de mestrado apresentada por Janice Martins Sitya Appel em 25/11/2011 pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) do Centro de Artes (CEART), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) com orientação do Prof. Dr. José Luis Kinceler. (CV: <http://lattes.cnpq.br/5305058000607900>)

⁴ O ponto de partida na ocasião do deslocamento descrito neste artigo faz referência à saída de Florianópolis no Estado de Santa Catarina com destino final a chegada em Alegrete no Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Ampliado ao âmbito da agroecologia, o conceito de comunidade refere-se a existência de muitas populações, o que envolve os diferentes reinos em convívio, significando que muitos tipos de interferência podem estar ocorrendo ao mesmo tempo, podendo interagir e modificar umas às outras, criando relações complexas entre os membros da comunidade (GLIESSMAN, 2001). De outra maneira, o conceito de comunidade inicialmente abordado parte de considerações feitas por Michel Mafesoli (2000) quanto às tribos urbanas - agrupamentos constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida típicos de um espaço-tempo, assim como o não-compromisso com aspectos de continuidade, valorizando o tempo presente. Uma comunidade vista pelo ponto de vista de uma tribo, possui caráter dinâmico e em constante transformação, o que lhe confere forte potencial criativo.

⁶ Fundação The Land, disponível em http://www.thelandfoundation.org/?About_the_land, em 31/05/2013.

⁷ Lara Almarcegui nasceu na Espanha em 1972. A artista reconhecida por seu trabalho de ações e intervenções em terrenos baldios, construções e questões que envolvam a discussão do espaço urbanístico. Em 2006 participou da 27ª Bienal de Arte de São Paulo, com trabalho intitulado Guia de Terrenos Baldios, no qual reuniu os lotes vagos de algumas regiões da cidade. Disponível em <http://www.sp-arte.com/en/artists/lara-almarcegui/>, em 31/05/2013.

⁸ O conceito de permacultura foi criado pelos ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmgren na década de 1970. Para B. Mollison, a permacultura se define por “*um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis*” envolvendo aspectos éticos, socioeconômicos e ambientais. O termo provém de *permanent agriculture* (agricultura permanente) que mais tarde se estendeu para *permanent culture* (cultura permanente). O sentido de uma sustentabilidade ecológica deu vazão a uma sustentabilidade que preveja os espaços humanos. Sua ênfase está na aplicação criativa de princípios e padrões básicos da natureza, integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo com estética e harmonia. A permacultura utiliza além de técnicas ancestrais para modos sustentáveis de vida, um conceito de união entre os diferentes campos de atuação como a arte, arquitetura, engenharia, agronomia e sociologia sob a ótica da ecologia. A sustentabilidade comunitária passa a ser a aplicação de um conceito que provém desta premissa ecológica e diz respeito aos conhecimentos, técnicas e recursos que uma comunidade utiliza para manter sua existência tanto no tempo presente quanto no futuro (...) incluem em sua organização muitas práticas como a produção local e orgânica de alimentos; utilização de sistemas de energias renováveis; utilização de material de baixo impacto ambiental nas construções (bioconstrução ou arquitetura sustentável); criação de esquemas de apoio social e familiar; diversidade cultural e espiritual; governança circular e empoderamento mútuo, incluindo experiência com novos processos de tomada de decisão e consenso; economia solidária, cooperativismo e rede de trocas; educação transdisciplinar e holística; sistema de saúde integral e preventivo; preservação e manejo de ecossistemas locais; comunicação e ativismo global e local. Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/> - 12/05/2013

⁹ Esta expressão que faz referência à afirmação de Michael de Certeau ao colocar que, entre espaço e lugar há uma distinção que delimita um campo de atuação - “*Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência*” (CERTEAU, 1994). Sendo assim, um lugar seria uma configuração de posições e implicaria uma indicação de estabilidade. O espaço, por sua vez, passa a ser constituído por vetores de força em movimento, sendo então, “*um lugar praticado*” (CERTEAU, 1994).

¹⁰ Para Felix Guattari, relações de ecosofia envolvem questões éticas ambientais e podem ser denominadas como ecologia mental, ambiental ou social. A ecologia mental pode surgir a todo o momento em todos os lugares “*para além dos conjuntos bem constituídos na ordem individual ou coletiva*” (GUATTARI, 1997). No princípio da ecologia ambiental tudo é possível e as evoluções são flexíveis, onde cada vez mais os equilíbrios naturais dependerão das “*intervenções urbanas*”. O princípio da ecologia social diz respeito à promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos. Para GUATTARI (2009), “*a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que auto-enriqueça continuamente sua relação com o mundo*”.

¹¹ Pesquisa desenvolvida para tese de doutorado a ser defendida por Janice Martins Sitya Appel em 2016 no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAVI) do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Ivone dos Santos (CV: <http://lattes.cnpq.br/8186621070642430>) 12/05/2013.

¹² Plantas Comestíveis não Classificadas são chamadas “PANC” no campo da biologia.

¹³ Gilles Clement é paisagista, agrônomo, viajante e escritor. Disponível em <http://www.gillesclement.com/> Em: 31/05/2013.

¹⁴ O secretário da agricultura do município até a presente data trata-se do Prof. Ms. Otacílio Silva da Motta, médico veterinário, membro do corpo docente e ex diretor do IFFRS (CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2422773413409761>). Em: 12/05/2013.

REFERÊNCIAS

APPEL, Janice. *Permacultura e espaços Bioconstruídos como forma e possibilidade estética em propostas coletivas em arte para moradia e obtenção de energia* In: WASHINGTON, C.;

ARAUJO, L. Trânsito à margem do Lago: caderno de viagem. Curitiba: edição do autor, 2010.

APPEL, Janice. *Dispositivos relacionais em processos coletivos e prática artística em comunidades: hortas comunitárias e canteiros como possibilidade*. In: Revista Panorama Crítico, 2010.

http://www.panoramacritico.com/006/docs/JaniceMartins_DispositivosRelacionais_artigos_p_anoramacritico06.pdf Em: 24/04/2012

APPEL, Janice. *Hortas comunitárias na Barra da Lagoa - agenciamentos colaborativos em arte pública de novo gênero*. 2011. 2 v. : Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Artes Visuais, Florianópolis, 2011.

Disponível em : <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2687>. Em : 22/02/ 2012.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Ed. Vozes, Petrópolis. 1994

CLEMENT, Gilles. Le jardin Planétaire In: Tableau d'une exposition Hommes et plantes. Automne n° 31 - Revue du CCVS, 1999. Disponível em <http://www.gillesclement.com/> Em: 31/05/2013.

COUQUELIN, Anne. *Petit traité du jardin ordinaire*, Rivages Poche, 2005.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas (SP): Papirus, 1997

GLIESSMAN, Stephen. *Agroecologia Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável*. – 2ª edição – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

KESTER, Grant. *Conversation Pieces – Community + Communication In Modern Art*. London, England, University of California Press Ltd, 2004.

LACY, Susanne. In: BLANCO, Paloma (org). *Modos de hacer: arte crítico, esfera pública y acción directa*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2001.

LIPPARD, L. *Mirando al rededor*. In: BLANCO, Paloma (org). *Modos de hacer: arte crítico, esfera pública y acción directa*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2001. p. 51-70

LADDAGA, Reinaldo; *Estética de la emergência* – 1 ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006

MOLLISON, Bill. *Permacultura Um – Uma agricultura permanente nas comunidades em geral*. Ed. Ground, 1983.

Janice Martins Sitya Appel

Artista Multimídia/Doutoranda em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS/ Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pelo Centro de Artes da Universidade da UDESC/Bacharel em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS. Membro dos grupos de pesquisa Veículos da Arte/Departamento de Artes Visuais/UFRGS e Arte e Vida nos Limites da Representação/Departamento de Arte/ entro de Artes/UDESC.